



Complexidade e Conhecimento no Contexto do Jornalismo¹

Rogério de Jesus FREIRE²

Robson FREIRE³

Alessandra ROVER⁴

RESUMO

Este ensaio teórico tem como objetivo realizar uma reflexão sobre jornalismo, complexidade e gestão do conhecimento, focalizando uma perspectiva epistemológica que fomenta o pensamento plurissignificativo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa exploratória, constituída de fontes secundárias, disponíveis em bases eletrônicas de dados que favoreceu uma análise crítica baseada no princípio de triangulação de teorias. Conclui-se que a complexidade representa um grande desafio, contudo é inegável a sua relevância à medida que o pensamento complexo, ao lidar com as incertezas, pode propiciar estratégias para sustentabilidade e adaptabilidade em um ambiente caracterizado pela dúvida e pelo imprevisível. Além disso, a complexidade traz outras lições relacionadas à ética, à inclusão, à heterogenia e ao multidisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Complexidade; Gestão do Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O pensamento complexo tem representado um verdadeiro desafio para a humanidade, uma vez que, nos dias atuais, as incertezas, riscos e mudanças caracterizam o ambiente globalizado e de constante mutabilidade em que vivemos. De maneira especial, nas últimas décadas, as epistemologias críticas vêm se propondo a desmitificar o princípio positivista da ciência e congregam o amplo leque social, cultural e histórico das diversas formas de conhecimento.

Acredita-se que tais fatos têm contribuído para questionar a ciência como única fonte de verdade. Desse modo, a relativização das verdades científicas permite a aceitação de outras verdades como eventualmente válidas e significativas. Colaborando assim, para que não haja a departamentalização do conhecimento.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Publicidade e Propaganda do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Especialista em Gerenciamento de Projetos e Bacharel em Administração (UPIS-DF), Professor nos cursos de Sistemas de Informação e Administração de Empresa da FACITEC –DF, e-mail: rogerior2000@yahoo.com.br

³ Mestre em Administração (UNIVALI-SC), Especialista em Gestão Estratégica de Marketing e em Recursos Humanos (UFSC) e Bacharel em Administração de Empresas (ICÉS-MG). Atua como docente nos cursos de Administração, Publicidade e Propaganda, Tecnólogo em Gestão Portuária, Fotografia, Design na Universidade do Vale do Itajaí – SC; e-mail: rbnfreire@yahoo.com.br

⁴ Especialista em Recursos Humanos (UFSC) e Bacharel em Pedagogia Empresarial (UNIVALI-SC); e-mail: alessandrarover@gmail.com



Segundo Morin (2003, p.71), “a inteligência parcelada, compartimentalizada, mecanicista, disjuntiva, reducionista, destrói a complexidade do mundo em fragmentos distintos, fraciona os problemas, separa o que está unido, unidimensionaliza o multidimensional”.

Assim sendo, a lógica do ciclo gerador das causas e conseqüências, na qual os causadores são eles mesmos, produtores e criadores do que produzem, possivelmente, não representariam uma interconectividade ou diálogos multidisciplinares. No entanto, a autonomia humana é caracterizada pela individualidade e também pela dependência. Aguiar (2005) corrobora este pensamento ao admitir que os seres humanos para se tornarem emancipados e cidadãos dependem, primeiramente, da integridade de suas condições biológicas, também de uma cultura e de uma linguagem com a qual se comunicam com os outros seres humanos e se formam como humanos.

Para diversos autores (MORIN, 2000; 2001; 2003; 2005; DOMINGUES *et. al.*, 2001, JOVCHELOVITCH, 2008) a articulação da complexidade expressa o diálogo entre as áreas, as disciplinas, suas representações sociais e seus contextos e complementaridades em diferentes perspectivas no desejo do saber. No contexto social, as regras retratam a interação de seus agentes que vez ou outra acontecem por meio de conflito, contradição, incerteza ou algo indeterminado, mas que compõem a concepção e percepção da realidade. Neste sentido, se insere a discussão sobre o jornalismo no contexto da complexidade e sua relevância para o desenvolvimento do conhecimento, cujo qual se articula, no cotidiano da notícia, com os contrários, com o ambíguo, o incompleto e as incertezas.

Compreende-se que a expressão “complexa” tem diversos significados para cada área da ciência. Na física há, geralmente, limites claros, uma vez que é regida por leis imutáveis e descreve fenômenos sob sua análise; a biologia dedica atenção à revelação de caminhos da adaptabilidade. Porém, as leis definidas nas ciências por observações, dão conta de que as regras em um contexto de seres vivos são princípios hierarquizados verticalmente e analisam a interação entre os agentes de cima para baixo. Entretanto, a busca por uma nova visão de mundo tem sido perseguida há mais de cinco décadas.

A partir deste enfoque, este estudo se justifica por que pretende compreender a possibilidade do jornalismo realizar a análise dos fatos por meio do noticiário, sem confundi-la com opinião do emissor, relativizando a verdade com proposições plurissignificativas, de modo que o receptor decodifique a mensagem chegando o mais próximo da essência da realidade. Embora isso possa parecer uma utopia, é senso



comum que o maior compromisso da imprensa é veicular a notícia, uma vez que a informação isenta parece não depender de outros interesses que não elucidar os fatos. Atribuída a importância da complexidade no mundo atual, este artigo propõe mostrar o imbricamento entre jornalismo, complexidade e conhecimento referenciando uma perspectiva dialógica, enfatizando a prática do pensamento complexo.

O próximo tópico descreve as escolhas metodológicas deste ensaio teórico; a seção seguinte trata do histórico da evolução da complexidade, apresentando os principais autores relacionados com o assunto e suas contribuições para a temática; na sequência busca-se estabelecer um encadeamento entre jornalismo, complexidade e conhecimento e seu caráter histórico social; e conclui-se com algumas considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na elaboração deste estudo realizou-se uma pesquisa de natureza teórico-exploratória (RICHARDSON, 1999), visando analisar diferentes abordagens a respeito da Teoria da complexidade, Gestão do conhecimento e jornalismo. Segundo Köche (1997, p. 146), os estudos teóricos visam “explicar, discutir, criticar e demonstrar a pertinência desses conhecimentos e teorias no esclarecimento, solução ou explicação do problema proposto”. Como técnica, este ensaio poder ser classificado como uma pesquisa bibliográfica, que na perspectiva de Severino (2000) consiste na exposição lógico-reflexiva, enfatizando a argumentação e interpretação pessoal. Para tanto, a partir de dados secundários foi realizado um levantamento em materiais constituídos, principalmente, de livros, artigos de periódicos das áreas relacionadas às temáticas em discussão.

No processo de busca e seleção dos artigos definiu-se, como critério, as palavras-chave e expressões utilizadas de forma isolada ou em conjunto: complexidade, conhecimento, jornalismo, teoria da complexidade, gestão do conhecimento, jornalismo e complexidade, e jornalismo e gestão do conhecimento. Nesse levantamento foram consultadas diversas base eletrônicas de dados, por exemplo: EBSCO, PROQUEST, SAGE e também a ferramenta de busca GOOGLE SCHOLAR.

Com base nos trabalhos selecionados, realizou-se uma análise das abordagens utilizadas, de forma que fosse possível encontrar pontos de convergência, similaridades e complementaridades entre as variáveis de estudo. Esse processo envolveu os diferentes enfoques de diversos autores, bem como aspectos determinantes de suas respectivas abordagens. Para realizar esta reflexão crítica foi utilizado o princípio de



triangulação de teorias (PATTON, 1990; YIN, 2005), buscando-se examinar e comparar os vários pressupostos teóricos existentes, a fim de identificar similaridades e diferenças entre o pensamento complexo, a gestão do conhecimento e o jornalismo.

PREMISSAS HISTÓRICAS

A compreensão de complexidade, como relata Vergez e Huisman (1980) iniciou-se na antiguidade com Heráclito, Século V a.C., considerado por muitos o mais sublime pensador antes de Sócrates. Foi ele quem formulou o problema da unidade permanente do ser diante da pluralidade e mutabilidade das coisas particulares. Já no século XVII, segundo Morin (2003), Fang Yizhi expressa o verdadeiro princípio da complexidade. Na era clássica, como observa Morin (2000, p. 72), Pascal é o pensador-chave que focaliza “outra corrente da epistemologia abrangendo princípio sistêmico, que acreditava ser impossível conhecer o todo sem conhecer as partes e de conhecer as partes sem conhecer o todo”.

A palavra complexidade deriva de *complexus*, significa, originalmente, aquilo que é tecido junto. O pensamento complexo busca distinguir (mas não separar), ao mesmo tempo em que busca reunir. Se complexidade significa tecer, unir, o problema está em evidenciar a complexidade, deixando aflorar cada parte dela para que cada uma apareça (MORIN, 2002).

No Século XVIII, Hegel defendia a idéia de que tanto a mente quanto a matéria derivam do “espírito absoluto” por meio de um processo dialético dinâmico. Deste modo, o conhecimento começa com a percepção sensorial, que se torna mais subjetiva e mais racional através da purificação dialética dos sentidos, por fim chega ao estágio de autoconhecimento do “espírito absoluto”. Marx continua a pesquisa de Hegel e anuncia a dialógica. É que o materialismo histórico de Marx não constitui uma ciência como as outras. Trata-se da ciência dos modos de produção e das formações sociais é também a ciência da libertação do proletariado e da classe trabalhadora, tendo por horizonte o comunismo; Nietzsche anunciou a crise dos fundamentos e da certeza (MORIN, 2003).

Adorno, Horkheimer e Luckacs, representantes da corrente metamarxista, propuseram elementos de uma concepção da complexidade e critica a razão clássica. Sendo que, os dois últimos, pertenciam à Escola de Frankfurt e mantinham opiniões de acordo com a conjuntura da época, depois que migraram para os Estados Unidos. Ora atendiam aos interesses capitalistas e ora se opunham a ele. No Século XIX, Balzac, Dostoiévsk e



Proust discutiram a complexidade humana quando a ciência ignorava o individual, o singular, o concreto, o histórico, a literatura e o romance (MORIN, 2003).

No Século XX, duas concepções tornam-se mais evidentes: uma de natureza determinista atemporal, outra, a imagem evolutiva, inicialmente com Darwin depois, com a termodinâmica, com a idéia da entropia⁵. Isto é, o entrópico traz informações improváveis para o senso comum, sendo que a interpretação dos fatos admite diversos questionamentos. Tal conceito é utilizado pelos jornalistas com o objetivo de expressar intenções sutis naquilo que é noticiado. Ou seja, um arranjo de códigos e símbolos, que corresponde a questões em torno do fato, que desencadeiam um jogo de redundância e entropia, muitas vezes eficaz nos *lides*⁶ jornalísticos e que chamam a atenção do leitor. Em Nonaka e Takeuchi (1997), a redundância é indicada para a superposição consciente das informações, que encorajam o diálogo e a comunicação freqüente. Todavia, esse processo de influência mútua ajuda a criar uma base cognitiva comum entre os atores sociais envolvidos.

Para Larreta (2003) o Século XXI mostra-se idealista, em uma sociedade na qual o signo e a informação, pseudônimos da cultura, constituem um ponto de partida de novas possibilidades e também de novos perigos. As diversas mídias de massa, rádio, televisão, jornais, cinemas e internet, segundo Debord (2003), têm função preponderante e passa a existir no espetáculo e o espetáculo é real, por conseguinte, na representação que se tem do mundo.

Neste cenário, o jornalista age como mediador desse vasto repertório de conhecimentos na transmissão e consolidação dos símbolos na busca de significados comuns, que são compartilhados e, conseqüentemente, podem influenciar o comportamento das pessoas. Compreender a relação entre comunicação e complexidade pode não ser uma tarefa simples, uma vez que o pensamento complexo se articula com o ambíguo.

COMPLEXIDADE E JORNALISMO

No entendimento de Morin (2003), o pensamento complexo não se reduz nem à ciência, nem à filosofia, mas permite a comunicação mútua, fazendo o intercâmbio entre uma e outra. Assim, a complexidade nasce perto do equilíbrio ou em equilíbrio. A idéia da complexidade é uma aventura. Possivelmente, um traço da complexidade é mudar, não

⁵ Em John Fiske (1999) entropia relaciona-se com a baixa previsibilidade.

⁶ Segundo o Novo manual da folha de São Paulo (1995) *lide* é um termo, aportuguesado do inglês *lead*, usado para resumir a função do primeiro parágrafo: introduzir o leitor no texto e prender sua atenção.



apenas, o escopo mecanicista da ciência, como também reaproximar o pensar do ser humano, sem deixar de considerar instrumentos de natureza racional. A complexidade é muito mais uma noção lógica do que uma noção quantitativa. Ela tem suportes e caracteres quantitativos que desafiam o modo contemporâneo de fazer ciência, sobrepuja o reducionismo tradicional, reconhece a relação de interdependência entre os diversos níveis da realidade e propõe a simbiose da ordem e desordem. Cada vez que existe uma irrupção da complexidade, sob a forma de incerteza, de acasos, existe uma resistência muito forte, argumenta Morin, 2000.

Nesse contexto, observa-se que a complexidade tem implicações diretas na fragmentação da informação. Considerando que o jornalismo é uma área de superposição dos diferentes aportes teóricos, a condição natural seria a de um conhecimento essencialmente complexo. Portanto, quais os caminhos a serem trilhados pelo jornalismo no universo da complexidade?

A abordagem sobre os modelos mentais de Senge (2000) oferece subsídios que pode clarificar a questão. Para o autor, a construção da subjetividade, da simbologia e da significação é estabelecida a partir dos valores e comportamentos individuais, que são baseados nos pressupostos desenvolvidos ao longo da vida e transmitida ou alterada por meio da interação social. Logo, esses pressupostos norteiam a percepção dos seres humanos que navegam em ambientes complexos do mundo, orientados pelos mapas mentais (modelos ou padrões) cognitivos.

Morin (2003) afirma em seu discurso que é preciso admitir a complexidade da realidade e toda essa engrenagem social, como lógica da complexidade. O jornalismo ao retratar a realidade cotidiana lida com diversas variáveis complexas inerentes aos seres humanos.

Para Lage (2001), o jornalismo é como a política, uma arte do possível, e como a filosofia, representa o cenário de uma luta em que a materialidade do mundo termina por se impor. De fato, para compreender a complexidade e sua relação com o jornalismo não basta saber de sua existência, mas, considerar a noção de causa e efeito, que as duas variáveis possuem e a sua inter-relação. Isto porque, segundo Medina (1991), da noção de certo e errado, passa-se à noção de que os dados da realidade não estão assim hierarquizados. Esses dados têm seu pressuposto na noção de coerência, de encaixe e de sustentação do todo.

Santos (1989) atribui ao Jornalismo um caráter social. Do ponto de vista histórico, a produção que enfatiza apenas o produzir, imposta pela ciência moderna pode não ser verdadeira. Fazer parte do processo social também é intervir e inclui trabalhar. Esse



trabalho pode ser considerado o meio, ou um dos meios de forjamento da cultura. Em face desse fundamento, inferi-se que por meio da cultura se cria e reproduz linguagens, idéias, mitos, artes, organizações sociais como a cidade, os Estados-nações.

Contrapondo-se à perspectiva acima, Lage (2001) acredita que é a sociedade que produz os estereótipos, determina a linguagem dos jornais; na conversa corrente e nas ciências. Isso teria sua contribuição e o jornalismo seria um mero repassador de idéias? Ou seria capaz de criá-las? Interroga Lage.

Embora a história da imprensa esteja intimamente ligada à disseminação do conhecimento, ao longo do tempo o jornal tem contribuído para revelar, de forma dinâmica, aspectos complexos da realidade que talvez as outras formas de conhecimento não revelariam. Diante do exposto, a próximo tópico aborda a evolução deste meio de comunicação e sua interface com o conhecimento.

O CAMINHO DA IMPRENSA E DO JORNAL

A história da imprensa é diversa e longa. Antes de chegar através das rotas islâmicas, no século XII e XIV na Europa, o papel já era conhecido no oriente. Entre 1040 e 1050, Pi Cheng inventou os caracteres tipográficos móveis de cerâmica, sendo que os de metal surgiram na Coreia em 1390. Em 1450, a invenção da imprensa de Gutenberg revoluciona o processo de comunicação (LAGE, 2001).

Logo, surgiram as tipografias e, conseqüentemente, os primeiros jornais dos séculos XIII e XIV, refletindo fatos que o jornalista considerava importante reproduzir e levar ao conhecimento do leitor. O mercantilismo utilizou a escrita e a leitura como instrumento de propaganda e informação para expandir o comércio, as indústrias e também as cidades. No século XVI, a utilização do cavalo para locomoção foi o passo seguinte para os primeiros serviços postais públicos. Conduzindo de um centro para outro, idéias, notícias e jornais. Os exemplares mais antigos de jornal datam de 1609, na Alemanha e Estrasburgo - França. Logo, o jornal se tornaria o instrumento de luta ideológica entre a burguesia e o poder autocrático. E é senso comum, desde o início do século XX, que os veículos de comunicação determinam o comportamento das pessoas. Uma vez que comunicação e cultura são estritamente ligadas.

Atualmente, o advento da telemática, que se refere à comunicação a distância por meio de uma rede de telecomunicação, associada à revolução tecnológica oferece um verdadeiro arsenal de ferramentas que facilitam o processo de informação em diversas mídias: conexões em rede, comunicação a laser, fibra ótica e sistemas de comutação de



grandes computadores. Esse fenômeno aponta para uma nova direção, espalhando a idéia de conectividade em tempo real, que visam uma comunicação cada vez melhor entre os seres humanos. A utilização desses diversos canais tem sustentado a expansão do jornal, que hoje se identifica como um meio de comunicação de massa (LAGE, 2001; ANGELONI, 2002). Baseado nessa premissa, o jornalismo é percebido como um meio de produção do conhecimento, tema que será tratado a seguir.

O JORNALISMO E O CONHECIMENTO

Falar em produção de conhecimento, por meio do jornalismo, requer antes a argumentação de que a informação não vem da mídia, ela passa pela mídia que a amplifica. Todavia, há pesquisadores que defendem o contrário, o que é compreensível uma vez que as percepções são diferenciadas e se dão a partir dos pressupostos de cada indivíduo ou grupo de indivíduos.

Meditsch (1997) acredita que o jornalismo apresenta a realidade de maneira diferente da ciência, podendo apresentar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Nesse sentido, o jornalismo produz o conhecimento articulado com o desempenho da comunicação. Por conseguinte, o jornalismo não apenas reproduz o que ele próprio produz, mas reproduz também conhecimento produzido por outras instituições sociais. Deste modo, sobre qual conhecimento e de que produção estar-se-ia falando? E mais: o jornalismo é disseminador do conhecimento? A resposta a esta questão é polêmica e complexa e, como tal admite interpretações diferenciadas.

Para Park (1976), ex-jornalista e sociólogo do conhecimento, o jornalismo como conhecimento caracteriza-se como uma ciência menor, entretanto admite que não seja de todo inútil. Park propõe a existência de uma gradação entre as duas espécies de conhecimento e coloca a notícia num nível intermediário entre elas. Para Meditsch (1997), o pragmatismo de Park e outras correntes teóricas tendem a definir o jornalismo enquanto conhecimento. O referido autor afirma que nas últimas décadas, as epistemologias críticas se mostram interessadas em demonstrar que o preceito positivista e infatível da ciência pode ser tomado por outras verdades. Relativizando assim, o caráter histórico cultural do conhecimento e das verdades científicas. Neste sentido, cada verdade pode ser definida dentro do que é tido como certo em razão da visão de mundo de diferentes gêneros de discurso, pertinente a um objetivo ou uma situação. Diversos tipos de conhecimentos circulam em diversas redes sociais



(BERGER e LUCKMANN, 1966). Esses conhecimentos tornam-se uma rede de inter-relações complexa e necessária para a sobrevivência da sociedade, complementa o autor.

A compreensão a respeito do estudo do papel social do jornalismo proposto por Lage (2001) deu origem a um novo campo de investigação acadêmica no Brasil: a Teoria do jornalismo. A partir desta teoria, Adelmo Genro Filho propôs estudar o jornalismo como forma de conhecimento. Genro Filho (1987) ressalva que o jornalismo, como gênero do conhecimento pode ser diferente da percepção individual pela sua forma de produção, porque no jornalismo o imediatismo do real se faz presente, operando no campo lógico do senso comum. Nessa perspectiva, pode-se questionar sobre até que ponto o jornalismo como conhecimento é rigoroso, partindo do pressuposto que o conhecimento do senso comum era desprezado pela teoria, tendo como base que a ciência moderna a negava (MEDITSCH, 1997). Nesse sentido, o jornalismo, sobretudo por meio do noticiário, trava um embate constante com a realidade à sua volta e articula conceitos como o de organização, caos ou entropia. Isso, porque o jornalismo está inserido numa realidade que vai além da previsibilidade e linearidade. Denotando assim, uma questão ao mesmo tempo polêmica e complexa, que exige outra forma de pensamento para sua análise.

Acredita-se que o conhecimento é desenvolvido internamente, não obstante alguns autores utilizarem a expressão produção do conhecimento. O “pedagogo” Paulo Freire e Fagundes (1996) já alertava que o saber não pode ser transmitido. Para o autor “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção [...]” (IDEM, p.52). A que se pensar, todavia, que o conhecimento de cada indivíduo é o resultado também de suas perturbações internas associada ao seu mundo representacional e ao seu modelo mental. Freire ressalta que é no encontro com o outro que se desenvolve a comunicação. O outro tem sua realidade percebida de forma diferente, mas processa a informação conforme seus conceitos e experiências. Por meio da comunicação é possível compartilhar conhecimentos e comportamentos, comprovando que existe um mundo de significados complexos que acabam trazendo autoquestionamento ao receptor da realidade observada.

A crítica à ciência moderna, que tem como visão de mundo a divisão e o conhecer para controlar tende a se prolongar como a revolução da auto-ecoorganização na biologia e na sociologia cuja perspectiva não-linear é defendida por Souza (1995) Morin (2002; 2003), Larreta (2003) e outros importantes pensadores contemporâneos. Portanto, o



conhecimento dos dados ou das informações isoladas é insuficiente. É preciso situar os dados e as informações em seu contexto para que adquira sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia (Meditich, 1997).

Lotfi Zadeh, em 1965, corroborou esta assertiva ao introduzir o conceito da Lógica Fuzzy, também conhecida como Lógica Nebulosa ou Lógica Difusa. Uma extensão da lógica que aborda a incerteza ou verdade parcial. Suas principais características compreendem conceitos e técnicas que se relacionam com o modo de raciocínio aproximado. A Lógica Difusa trabalha com variáveis lingüísticas para modelar o raciocínio humano sobre diversas situações de incerteza. Capacidade de generalizar qualquer teoria, partindo de uma forma discreta para uma forma contínua. Nessa perspectiva, o contínuo perfeito nunca é alcançado, sempre se estará perto. Pode-se tomar como exemplo um elefante pequeno, ele sempre será um animal grande. Ou ainda, um pigmeu alto, sempre será um homem pequeno em outras culturas. Tratar-se da plasticidade da língua isto é, a possibilidade de absorver novas culturas, ou até alterar as existentes, para dar conta das coisas novas e uma prova da adaptabilidade humana para lidar com o entorno. Não seria então, uma relação de aprendizagem?

Para Morin (2000, p. 53), “o conhecimento é sempre tradução e reconstrução do mundo exterior e permite um ponto de vista crítico sobre o próprio conhecimento”. Assim, construir conhecimento é fazer deste ato; ação e não só recepção. Para que isso aconteça é necessário um processamento de informações, a capacidade de adaptação a situações diferentes, a resolução de problemas, a percepção do mundo e de nós mesmos. Assim, conforme Weil (1969, p.84), "o ato de aprender, ou ‘aprendizagem’ é algo extremamente complexo, que começa desde [...] a vida intra-uterina. O conhecimento que é o resultado da aprendizagem é, em geral, definido como sendo o processo de integração e de adaptação do ser humano no seu ambiente”. De fato, a aprendizagem pode ser compreendida como decorrente de elementos adquiridos e assimilados anteriormente, portanto o meio em que a pessoa vive interfere na sua aprendizagem, e por conseqüência na construção de um conhecimento. Neste sentido, a realidade é recriada conforme os valores e a percepção do receptor, transformando-a em conhecimento. Segundo Meditsch (1997), o conhecimento não depende só do sistema cognitivo dos indivíduos, mas também da possibilidade de socialização deste conhecimento.



No meio jornalístico, esse processo de socialização envolve um número maior de pessoas devido aos diversos canais utilizados para a transferência de símbolos compartilhados. E também porque o receptor (decodificador) da mensagem é quase sempre um leitor isolado, sem condições de dar *feedback* imediato ao emissor. Devido à importância do papel que a mídia desempenha por meio da comunicação, deve-se ter uma consciência crítica para o que é transmitido como verdade. Conforme Lage (2001, p.14), “o jornalismo descende da mais antiga e singela forma de conhecimento - só que, agora, projetada em escala industrial, organizada em sistema, utilizando fantástico aparato tecnológico”. Dentre as diversas possibilidades do saber é preciso reconhecer o que na informação é útil e o que pode ser descartado, o que leva a compreender melhor o jornalismo como veículo de disseminação do conhecimento.

"Comparadas à realidade da vida cotidiana, as outras realidades aparecem como campos finitos de significação, enclaves dentro da realidade dominante marcada por significados e modos de experiência delimitados. A realidade dominante envolve-as por todos os lados, por assim dizer, e a consciência sempre retorna à realidade dominante como se voltasse de uma excursão" (BERGER e LUCKMANN, 1966, p.43-4).

A forma em que o jornalismo opera no campo lógico da realidade dominante assegura o conhecimento do jornalismo frágil, mas forte enquanto forma de argumentação. É frágil por não poder ser tão democrático como sugere, e forte por estar trazendo a realidade de seu público à tona. Para Meditsch (1997), o indivíduo tem apenas sua própria verdade e não poderá conhecer tudo o que é conhecido por seus semelhantes, em termos quantitativos e também qualitativos, processo que culmina em um sistema complexo de valores e significados em que estamos socialmente envolvidos. Ao considerar que o “jornalista passa a ser um mediador-produtor de sentidos, ele capta conceitos, emoções e comportamentos da sociedade – a realidade cultural imediata a que está exposto – e os representa na notícia, na reportagem ou em qualquer outra peça jornalística” (MEDINA, 1991).

Segundo Saperas (1987), pouco se é pesquisado sobre os efeitos do jornalismo sobre os indivíduos e sociedade, mas é difícil isolar as variáveis de forma a testá-la para fins de comprovação. Meditsch (1997) argumenta que não é possível negar a influência dos meios de comunicação no âmbito social, mas é complicado determinar os poderes instituídos por este meio. Afirma ainda, que a disseminação de preconceitos, de estereótipos, a manipulação das massas, a ideologia dos poderosos não são criações unicamente do jornalismo, embora participe desse processo como agente ativo. Mas,



como produtor social, o jornalismo reproduz os fatos sociais, as desigualdades, sonhos e contradições. Entretanto, nenhum conhecimento está dissociado de seu contexto “É por esse meio que se instaura a generalidade do particular e as notícias tornam-se exemplos de algo sobre que há consenso ideológico” (LAGE, 2001, p.150).

De acordo com Souza (1995), o jornalismo eventualmente pode desinformar as pessoas, mas certamente também lhes ensina muita coisa útil. Espera-se que uma pessoa com formação superior saiba melhor interpretar uma notícia do que uma pessoa com um nível de escolaridade menor, ou sem escolaridade. O valor agregado à informação depende dos conhecimentos anteriores de cada indivíduo, justifica o autor.

Na perspectiva de Palange (1999), o conhecimento pode ser percebido como uma "alteração de um determinado comportamento". Para ocorrer essa alteração existe a necessidade de controlar as condições nas quais esse comportamento acontece, apresentando ou alterando determinados estímulos. A introdução do reforço, em comportamentos que se deseja que aconteçam, aumenta a probabilidade desses comportamentos acontecerem. Nesse sentido, a aprendizagem acontece na relação com o outro, promovendo a mudança de comportamento de um estado de ignorância para um estado de conhecimento.

Davenport e Prusak (1998) corroboram o pensamento acima, ao afirmar que a importância fundamental do conhecimento é o fato de poder lidar com a complexidade. O conhecimento é, portanto valioso porque alguém deu a informação um contexto, um significado e uma interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação de pensamento desenvolvido neste artigo apontou alguns paradoxos referentes à compreensão da complexidade e do conhecimento no contexto do jornalismo. Constatou-se que, se por um lado o rigor e dureza da ciência, que às vezes é linear e pragmática tem como um único objetivo a verdade sustentada pelo modelo mental newtoniano, por outro a complexidade assinala para um horizonte que parte da desordem para a ordem, do diálogo onde a incerteza e a imprevisibilidade são consideradas e compõem as diversas realidades. Porque, como afirma Morim, a dúvida é uma questão decisiva no processo de conhecimento. É ela que leva ao autoquestionamento permitindo criar, mudar e inovar.



Neste contexto, a análise da temática conduz a diferentes perspectivas que devem ser consideradas como objeto de (re) significação e (re) avaliação em um mundo interconectado em que a comunicação, sobretudo, o jornalismo, tende a ser considerado um meio difusor e criador de conhecimento. E, neste contexto, o conhecimento é um dos requisitos fundamentais para lidar com a complexidade.

De fato, considerar o jornalismo como ciência implica dar relevância às formas mais democráticas como o próprio Morin sugere: a noção de sujeitos intercomunicantes, de intercausalidade e consideração de uma abordagem que não rejeita riscos, contradições e incertezas. No bojo desse processo, a profissão do jornalista não está isenta do arcabouço ideológico. Além disso, as grandes empresas do ramo têm expandido demasiadamente o seu leque de negócios, atuando também em outros segmentos. Em decorrência, esse conjunto de fatores tende a comprometer a isenção da informação jornalística.

Em que pese à existência de uma reprodução parcial da verdade no jornalismo, a informação em nossa sociedade é uma das necessidades emergentes. Dentro de um sistema complexo, o jornalismo se organiza entre diversos signos, que envolvem a produção, consumo e a formatação da notícia, possuindo códigos que permeiam a redundância e a entropia na linguagem jornalística.

O avanço tecnológico como objeto facilitador da comunicação, especialmente com o advento da telemática, das conexões em rede, da fibra ótica, dos sistemas computadorizados e globalização provocam constantes mudanças na sociedade e disseminaram uma idéia de conectividade em tempo real. Fato esse, que tornou o ambiente ainda mais complexo em todos os níveis: político, social e econômico. Essas transformações trazem diversas conseqüências como o caos, contradições e incertezas. O jornalismo procura propiciar uma visão de uma realidade construída diante da desorganização em que o mundo se encontra. De acordo com a *teoria dos mundos possíveis*, os autores Berger e Luckmann (1991) afirmam que o jornalismo intervém e constrói a realidade social, dando forma ao seu meio ambiente, inclusive intensificando, muitas vezes, a tendência ao caos.

Por fim, este ensaio buscou fomentar o modo complexo de pensar o jornalismo, ressaltando que ciência do século XXI não se reduz à compartimentalização do conhecimento, ao contrário ela prioriza a comunicação mútua. E, sobretudo, dá relevância ao pensamento complexo nos dias atuais, porque ao lidar com as incertezas, a complexidade pode propiciar estratégias para sustentabilidade e adaptabilidade em um



ambiente caracterizado pela dúvida e pelo imprevisível. Além disso, a complexidade traz outras lições como: a ética e a solidariedade na medida em que valoriza a inclusão, legitima a heterogenia de conhecimentos gerada pelo homem e cria condições para conviver com a relatividade dos valores e incertezas, buscando alcançar o equilíbrio humano visando à evolução futura.

Uma limitação deste trabalho, diz respeito à pesquisa ter se baseado quase que exclusivamente no levantamento de artigos disponíveis em meio eletrônico. Como sugestão para futuros estudos recomenda-se ampliar o escopo das investigações a outras disciplinas que estudam a integração entre os três temas. Este ensaio poderá contribuir para o avanço do conhecimento científico sobre a complexidade, conhecimento e jornalismo, na medida em que promove uma reflexão sobre o tema em discussão e se verifica a necessidade em desenvolver uma maior intercambialidade entre essas disciplinas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. **Psicologia Aplicada à Administração: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ANGELONI, M. (Coord) **Organizações do Conhecimento – Infra-estrutura, pessoas e tecnologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. 1966 *The Social Construction of Reality*. Ut. Trad. Bras. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- Coleção **Os Pensadores, Os Pré-Socráticos**. São Paulo. 1º ed, v. 1, agosto. 1973.
- CANDIDO MENDES (org). Representação e Complexidade. In: MORIN, E. **A necessidade de um pensamento complexo**. Rio de Janeiro: Gramond, 2003.
- DAVENPORT, T.; PRUSAK, L. Conhecimento Empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- DOMINGUES, I.; OLIVEIRA, A.; PAULA e SILVA, E.; CAPUZZO FILHO, H.; BEIRÃO, P. Um novo olhar sobre o conhecimento: a criação do instituto de estudos avançados da UFMG, as pesquisas transdisciplinares e os novos paradigmas. In Conhecimento e transdisciplinaridade. DOMINGUES, I. (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG: IEAT, 2001.
- FISKE, J. Introdução ao Estudo da Comunicação. 5 ed. Lisboa: Asa, 1999.
- FREIRE, P; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GENRO FILHO, A. **O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.
- JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.



- KÖCHE, J. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 14 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LAGE, N. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.
- LARRETA, Enrique Rodrigues. **Representação e Complexidade**/ Candido Mendes (org.). Rio de Janeiro: Gramond, 2003.
- MEDITSCH, E. **Fundamentos e pertinência da abordagem do jornalismo como forma de conhecimento**. Congresso Ibero-americano dos Pesquisadores em Comunicação, 1997.
- MEDINA, C. **Jornalismo e a epistemologia da complexidade**. Novo pacto da ciência: a crise dos paradigmas. São Paulo: ECA/USP, 1991.
- MORIN, E. O método 3: conhecimento do conhecimento. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. & SILVA, J. **Para navegar no século 21. Tecnologias do imaginário e cibercultura**. 2 ed. Porto Alegre, 2002.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- _____. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa-América, [2003?].
- NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **Criação do Conhecimento na Empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- Novo Manual de Redação**. 5 ed. São Paulo. Folha de São Paulo – Manuais de estilo, 1995.
- PALANGE, I. **O enigma do conhecimento**. Brasília: SENAI/DN, 1999.
- PARK, R. "A notícia como forma de conhecimento". In: Steinberg- **Meios de comunicação de massa**. São Paulo, Cultrix, 1976.
- PATTON, M. **Qualitative evaluation and research methods**. 2 ed. Newbury Park, CA: Sage, 1990.
- RICHARDSON, R. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SAPERAS, E. **Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas**. Porto: Asa, 1987.
- SANTOS, B. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989.
- SENGE, P. A Dança das Mudanças: os desafios de manter o crescimento e sucesso em organizações que aprendem. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- SOUZA, M. (org.) **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VERGEZ, A.; HUISMAN, D. **História da Filosofia Ilustrada pelos Textos**. 4. ed. Rio de Janeiro: 1980.
- YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola: guia prática de relações humanas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1969.
- ZADEH, L. A. Fuzzy sets. **Information and Control**. [S.l], v. 8, p. 338-353, 1965.